

José Roberto Santos Neves

Monteiro Lobato, hoje e sempre

José Roberto Santos Neves

neves-jose@uol.com.br

Todos os dias, de segunda a sexta, por volta das cinco da tarde, a cena se repetia: as crianças jogavam bola, futebol de botão, bolinha de gude, brincavam de pique, soltavam pipa, muitos ainda com o uniforme do colégio. Mas todos corriam para dentro de casa quando começava o "Sítio do Picapau Amarelo".

Acompanhar pela televisão as aventuras de Pedrinho, Narizinho, Emília, Dona Benta, Tia Nastácia, Visconde de Sabugosa, Saci Pererê, Zé Carneiro, Tio Barnabé, Garnizé, a Cuca, entre tantos outros personagens, era a forma de viajar pelo universo de fantasia criado por Monteiro Lobato, um universo com corpo e alma de Brasil.

E havia ainda as músicas fabulosas, desde o tema original de Gilberto Gil até a canção da Cuca, que duas décadas depois recebeu releitura vigorosa de Cássia Eller. Uma estética completamente diferente daquela que dominaria a década seguinte, marcada pelas apresentadoras loiras de repertório idiotizante.

Fui um daqueles que descobriram o prazer da leitura com Monteiro Lobato. Por isso, não há como ficar alheio à capa da edição de maio da "Bravo!", que revira novamente a acusação de racismo contra o escritor. O tema já havia dividido intelectuais no ano passado, quando o Conselho Federal de Educação emitiu um parecer classificando o livro "As caçadas de Pedrinho", de 1933, como racista, tendo como base uma referência supostamente pejorativa a Tia Nastácia.

Na ocasião, a sociedade se manifestou com indignação e a proposta foi vetada. Desta vez, a revista elenca cartas do escritor com mensagens claramente preconceituosas que não condizem com seu talento e sensibilidade. O conteúdo das correspondências endereçadas ao escritor Godofredo Rangel e aos cientistas Renato Kehl e Arthur Neiva é constrangedor.

Por exemplo: "País de mestiços, onde branco não tem força para organizar uma Kux-Klan (sic), é país perdido para altos destinos. (...) Um dia se fará justiça ao Ku-Klux-Klan: tivéssemos aí uma defesa desta ordem, que mantém o negro em seu devido lugar, e estaríamos hoje livres da peste da imprensa carioca - mulatinho fazendo jogo do galego, e sempre demolidor porque a mestiçagem do negro destrói a capacidade construtiva" (carta enviada a Arthur Neiva em 10 de abril de 1928).

A reação dos leitores foi imediata. Um deles, admirador de Lobato na infância, foi taxativo: não quer que os filhos leiam as obras do autor. Se eu pudesse, diria a este cidadão: meu caro, não faça isso. É uma tolice condenar Monteiro Lobato hoje por pontos de vista expostos oito décadas atrás. Por mais genial que o escritor tenha sido, ele era escravo do seu tempo, assim como todos nós. E o mundo nas primeiras décadas do século passado infelizmente estava contaminado pela ideia segregacional da eugenia, que na prática representava a exaltação da superioridade da raça branca sobre as outras, como bem definiu o repórter André Nigri.

Lobato, sabe-se lá por qual motivo, simpatizou com esse conceito estapafúrdio que veio a desembocar no nazismo. Ele não foi o único a cometer esse erro histórico. Há vários registros de racismo em letras de música. Lamartine Babo, por exemplo, fez grande sucesso com a marcha "O teu cabelo não nega", nos anos 30. Será que algum conselho de música também vai tentar proibi-lo?

Há de se separar o homem da sua obra. Se o autor que ensinou crianças de todo o país a sonhar veio a compartilhar de crenças equivocadas, fiquemos com seu texto fascinante e seu universo mágico. Recuso-me a reler seus livros procurando mensagens subliminares. E continuo leitor de Monteiro Lobato, com o mesmo encantamento de quem um dia se deixou levar pela magia do "Sítio".